



O humor como resistência: As sátiras políticas no jornal

O Pasquim (1969)

Humor as resistance: Political satire in the newspaper

O Pasquim (1969)

Sara do Espírito Santo¹

Resumo

Durante a ditadura militar brasileira que perdurou entre 1964 e 1985, a imprensa alternativa desempenhou um importante papel de resistência frente ao regime autoritário, denunciando as violações de direitos humanos cometidos pelos militares. Entre os periódicos, destaca-se o jornal *O Pasquim*, um dos principais representantes da imprensa alternativa no Brasil. O “nanico” abordava com humor escrito e gráfico temas que não apareciam nas páginas dos grandes jornais, tendo circulação entre os anos de 1969 e 1991. Desse modo, objetiva-se analisar as sátiras políticas, as quais geravam entretenimento e uma mentalidade crítica, utilizadas pelo *O Pasquim* em resistência à Ditadura Militar no ano de 1969, ano de sua criação e de endurecimento do regime. O presente artigo, a partir de uma intersecção entre imprensa, política e cultura, torna-se importante para a história da imprensa e destaca o humor como fonte de esperança frente a tempos obscuros, buscando preservar o legado de um “nanico” tão grandioso.

Palavras-Chave: Ditadura Militar, Imprensa Alternativa, *O Pasquim*, Humor.

Abstract

During the Brazilian military dictatorship that lasted between 1964 and 1985, the alternative press played an important role of resistance against the authoritarian regime, denouncing the human rights violations committed by the military. Among the periodicals, the newspaper *O Pasquim stands out*, one of the main representatives of the alternative press in Brazil. The "dwarf" addressed with written and graphic humor themes that did not appear in the pages of the major newspapers, having circulation between the years 1969 and 1991. In this way, the objective is to analyze the political satire, which generated entertainment and a critical mentality, used by *O Pasquim* in resistance to the Military Dictatorship in 1969, the year of its creation and hardening of the regime. This article, based on an intersection between press, politics and culture, becomes important

¹ Graduanda do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



for the history of the press and highlights humor as a source of hope in the face of dark times, seeking to preserve the legacy of such a great "dwarf".

Keywords: Military dictatorship, alternative press, *The Quibbler*, humor.

Introdução

Na década de 1960, sob o signo do medo de tendências à esquerda influenciado pelo contexto mundial vigente pautado na guerra fria, a América Latina é acometida por uma onda ditatorial a fim de livrar os países do suposto comunismo, com o foco em manter o poder nas mãos de uma elite política e econômica. Neste cenário, como coloca o historiador Santos (2016, p. 3), essas ditaduras visavam combater o inimigo comunista que ameaçava a hegemonia dos regimes capitalistas. Dessa forma, foram caracterizadas pela intervenção direta do exército apoiado pelo lado capitalista da guerra fria, os Estados Unidos.

No caso do Brasil, país destacado nesta pesquisa, a ditadura tem início no ano de 1964. O então presidente do período, João Goulart, passa a ser visto com tendências à esquerda. Os militares, por sua vez, tomam o poder através de um golpe instaurado em 31 de março. Segundo o historiador Napolitano (2016, p. 46), a grande imprensa brasileira teve papel fundamental na desestabilização de Jango e na emergência de salvar o país do então perigo comunista.

Os jornais passaram a ser peça-chave na conspiração a partir do final de 1963. Tradicionalmente ligada à linha liberal-conservadora, a grande imprensa brasileira consolidou a leitura de que o país caminhava para o comunismo e a subversão no coração do poder, ou seja, a própria presidência da República (Napolitano, 2016, p. 46).

A ditadura, através de um estado extremamente autoritário, sob um abismo humanitário e social (Moura Junior, 2019, p. 35), perdurou de 1964 até o ano de 1985 e deixou uma grande mancha de sangue na história do Brasil. Os 21 anos de história antidemocrática foram marcados por repressão, censura, tortura e mortes.

Neste cenário, a imprensa alternativa, a chamada “nanica”, teve importante papel de denúncia dos abusos de poder do regime autoritário ao abordar temas que não apareciam nas páginas dos jornais da grande imprensa, que muitas vezes estavam ligadas aos interesses dos militares. Segundo Kucinski,



A Palavra alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de única saída para uma situação difícil; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes e o do desejo das gerações dos anos 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (Kucinski, 2003, p. 13).

O jornal *O Pasquim* foi um dos mais importantes da imprensa alternativa. Segundo Buzalaf (2009, p. 13), foi “o único jornal da imprensa alternativa que conseguiu, durante a ditadura militar, passar pelos diferentes momentos e formas de censura.” O alternativo circulou entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991, contabilizando 22 anos.

Por meio de humor escrito e gráfico, *O Pasquim* foi um importante veículo de oposição à ditadura militar e sobreviveu por muito mais tempo que qualquer outro “nanico”. Desse modo, objetiva-se analisar o humor utilizado pelo alternativo em resistência à ditadura militar no ano de 1969, ano de sua criação e ano de endurecimento do regime.

O ator e humorista Paulo Gustavo, que morreu de Covid-19 em 2021, sempre destacou a importância do humor. Segundo o artista no especial *220 Volts*, “O humor salva, transforma, alivia, cura, traz esperança para a vida da gente. Rir é um ato de resistência.” (2020) Baseando-se neste princípio, fazer rir também é um ato de resistência, ressaltando nesta pesquisa o humor como fonte de esperança.

A partir de uma intersecção entre imprensa, política e cultura, a presente pesquisa tem relevância no cenário da história da imprensa, buscando preservar o legado de um “nanico” tão grandioso, além de trabalhar com um período delicado da história, quando muitos na atualidade ainda relembram a Ditadura como benéfica.

Para a análise do periódico, foi examinado o corpo editorial, período produzido, contexto, público-alvo e seus objetivos para, posteriormente, realizar o tratamento teórico, discutindo o conteúdo que compõe o jornal, contando com análise iconográfica. Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre a história do periódico e do uso do humor como forma de resistência política.

Segundo Aguiar (2008, p. 159), os alternativos seriam jornais de oposição a tendências hegemônicas da imprensa convencional, visto que a chamada “grande



imprensa” possuía como característica grandes empresas familiares que reuniam uma ideologia capitalista e espírito oligárquico, dedicadas a combater o esquerdismo no Brasil.

O autor discute que por mais que a imprensa alternativa tenha ascendido no período ditatorial, não nasce neste meio. Pelo contrário, o termo alternativo faz-se presente desde os tempos da luta pela independência do Brasil.

A efemeridade, para o autor, seria uma marca dos alternativos, os quais surgem, acabam e o movimento cíclico se refaz em diferentes períodos, surgindo e acabando novamente

A vida dos alternativos é longa e variada na história brasileira, sempre com a marca da efemeridade. Os alternativos são o exemplo de uma característica da vida cultural brasileira: a continuidade na descontinuidade. Isto é, os jornais e revistas surgem, duram relativamente pouco tempo, uns mais, outros menos, mas sempre estão de volta, e às vezes quando menos se espera. E que se opõem à pretensão hegemônica da imprensa de espírito oligarca e ideologia liberal, hoje neoliberal, que é a dominante no Brasil (Aguiar, 2008, p.158).

Porém, nunca desaparecem. Não só no campo físico, os alternativos possuem grande importância histórica, marcando a luta e resistência ao longo da história. Durante a ditadura, em especial, os “nanicos” tiveram papel fundamental, visto que ascenderam e tomaram um grande folego neste contexto.

A censura foi uma das marcas da ditadura, que também tomou a imprensa. Com o intuito de expor suas ideias e contrariar a censura, muitos jornalistas recorreram aos periódicos alternativos a fim de ter a liberdade para expressar o descontentamento com o regime autoritário vigente, o que não ocorria nos jornais da grande imprensa que estavam muitas vezes ligados aos discursos hegemônicos dos militares.

1. *O Pasquim*

No cenário da ditadura militar brasileira, dentre os diversos jornais alternativos que se opuseram e denunciaram os crimes dos militares, *O Pasquim* foi o periódico que conseguiu circular por mais tempo e que conseguiu obter mais sucesso em relação às tiragens. Segundo Sousa (2013, p. 29), apesar das perseguições, o jornal se desenvolvia e



sua circulação pode ser comparada aos jornais da grande imprensa nos dias de hoje, o que evidencia a grandeza do semanário.

O Pasquim foi idealizado pelo jornalista Tarso de Castro, que se uniu ao cartunista Jaguar e o jornalista Sérgio Cabral. Pouco depois, compôs a equipe outros cartunistas e jornalistas, como Millôr Fernandes, Paulo Francis, Ziraldo e Fortuna. O semanário circulou entre junho de 1969 e 11 de novembro de 1991, o que contabiliza vinte e dois anos de circulação.

Segundo o redator e jornalista Vitor Pereira de *O Pasquim: Jornal de humor que desafiou a ditadura ganha exposição em SP ao completar 50 anos* (2019); no editorial de *Hypeness*, o nome do periódico foi sugestão de Jaguar. “Pasquim” tem o significado de jornal difamador, de pouca qualidade.

Pode-se ver, portanto, que o próprio nome do jornal traz consigo o que não faltaria em suas páginas: o humor. Foi através do humor na forma crítica que o alternativo denunciou os crimes humanitários da ditadura e conseguiu burlar a censura. Como coloca Sousa (2013, p. 28), “O humor e a inteligência das críticas tornavam-se o ponto alto do jornal, juntamente com as charges e as histórias que se caracterizavam por um sentimento de aversão ao regime militar.”

O ano analisado na presente pesquisa, 1969, apresenta no acervo da Hemeroteca digital brasileira 27 edições. A hemeroteca é oferecida pela Fundação Biblioteca Nacional que proporciona um amplo portal de periódicos, auxiliando pesquisadores de todo o mundo, além de a consulta ao acervo ser possível em qualquer aparelho conectado à internet, o que torna um conteúdo democrático de fácil acesso.

As capas das edições de 1969 não seguem um padrão exato. O nome do jornal, a exemplo, inicia sua primeira edição em 26 de junho sendo posicionado no centro e não no início como na maioria dos periódicos (Figura 1). Tal posição, porém, não segue sendo a mesma em todas as edições, sendo algumas vezes posicionado no início, no final, e de formas gráficas diferentes.

Figura 1



Fonte: Edição 1, 26/06/1969, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital.

Abaixo do logotipo há um cabeçalho indicando o local, Rio de Janeiro, a data (que ora não aparece, ora é colocado datas inexistentes), o número da edição, o valor, NCr\$ 0,50 e há sempre uma frase que nunca se repete, como exemplo a edição número 1 “Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça.”. A edição número 9 “O PASQUIM não se responsabiliza pela opinião de seus colaboradores; aliás, nem pelas suas.” e a edição de número 16 que resume bem a ideia com “O PASQUIM, um jornal que sente o drama de escolher um lema por semana.” Segundo Vieira, as frases

Pareciam propor um diálogo com o leitor do jornal, com o conteúdo e/ou com o processo de produção daquela edição. Algumas frases-editoriais das primeiras trezentas edições do semanário são notórias para o entendimento da comicidade do Pasquim (Vieira, 2010, p. 107).

Pode-se ver, a partir de uma análise de imagem, que o alternativo segue uma informalidade em seu formato. Sua publicação é em formato de tabloide e as páginas variam em cada edição, entre 16 páginas à 36. Há algumas seções fixas no jornal, que embora não tenham uma ordem correta para aparecerem, estão presentes em quase todas as edições, como a seção de Dicas, que em algumas edições também são acompanhadas por Anti-Dicas, seção das cartas, que são colocados trechos de cartas de leitores acerca do jornal, além de alguns anúncios comerciais.



Além disso, há sempre tirinhas que estão espalhados pelo jornal todo, sempre com a assinatura do autor acompanhado do título. As entrevistas ocupam maior parte do periódico, visto que *O Pasquim* inovou com a característica de expor as entrevistas sem cortes, transcrevendo as conversas sem critérios formais.

Nesse sentido, o alternativo foi revolucionário até mesmo em sua linguagem jornalística. Como coloca Buzalaf (2009, p. 88), enquanto se tinha uma linguagem formal no Brasil, *O Pasquim* apresentava uma linguagem informal com ironia e duplo sentido, inserindo a oralidade na rigidez dos textos impressos. Apesar de ser um jornal que se utiliza do humor, o jornal não se restringe a isso. Além das charges, o jornal também apresenta em suas páginas entrevistas e coberturas de muitos eventos de âmbito nacional e internacional.

Além disso, o alternativo possui uma figura importante que aparece em quase todas as capas das edições e em seu conteúdo, *Sig* – um rato que se tornou o símbolo de *O Pasquim*, criado pelo cartunista Jaguar. Segundo Sousa (2013, p. 33), o nome se trata de uma analogia a Sigmund Freud, o criador da psicanálise, para caracterizar um rato neurótico que atuava não só como comentarista do jornal, mas também como sua consciência:

A mascote da publicação, uma analogia a Sigmund Freud, criador da psicanálise, SIG era um rato neurótico que interferia em todas as matérias, artigos, entrevistas e anúncios de O Pasquim. Sentia-se atormentado pelas paixões por belas atrizes e sempre acompanhava os textos de Ivan Lessa. SIG passava, então, a ser não apenas o símbolo e o comentarista do jornal, mas também a consciência deste (Sousa, 2013, p. 33).

Ao final de cada edição há os nomes dos membros do conselho de redação. Tarso de Castro, o editor; Sérgio Jaguaribe, editor de humor; Sérgio Cabral, editor de texto; Carlos Prósperi e Claudius Ceccon, editores gráficos. Além de informações acerca do local de impressão, distribuição e o número do registro civil. Em algumas edições, no final é exposto a quantidade de tiragens dos exemplares.

1.1 O humor e a crítica



O humor atuando como crítica a ditadura já se faz presente na edição de número 1, do dia 26/06/1969. A partir de uma tirinha publicitária para *Shell*, Jaguar apresenta um elefante assustando-se com um rato que o provoca. O elefante, reagindo ao susto, pula em cima do rato, o esmaga e comemora sorrindo.

Abaixo da tirinha e ao lado do logotipo da *Shell*, há a frase “Os grandes não fazem por menos”. *Sig*, o símbolo do jornal, aparece ao lado com um balão escrito “Algo mais em coincidência”. A tirinha publicitária, nesse sentido, foi utilizada também para uma crítica indireta a ditadura. (Figura 2)

Figura 2



Fonte: Edição 1, 26/06/1969, p. 4. Acervo da Hemeroteca Digital.

Na mesma edição, outra crítica ao governo com uma sutil piada em forma de charge. Nela, um homem aparece abrindo uma porta escrito oposição. Ao abrir, porém, vê que não há saída, há um muro de tijolos. No contexto da época, o Ato Institucional Nº5 estava promulgado desde dezembro de 1968. Dentre suas características, pode-se citar a suspensão dos direitos humanos e grandes impactos na área da imprensa, no que diz respeito a censura. Como coloca a jornalista Laurenza,

Em 1968, quando o regime militar instituiu o AI-5 suspendendo de vez as garantias institucionais e civis, aumentando a prisão e torturas dos opositores e fechando o Congresso por mais de um ano, Wainer voltou ao Brasil. E



testemunhara o estrago que o pensamento único dos militares fazia à imprensa: censura, informação subliminar, prisão, tortura e morte de jornalistas (Laurenza, 2012, p. 139).

Com isso, *O Pasquim* realiza uma analogia ao endurecimento do regime e às novas dificuldades de oposição encontradas com o AI-5. O alternativo, porém, não se intimida e publica uma crítica de oposição em forma de piada. (Figura 3)

Figura 3



Fonte: Edição 1, 26/06/1969, p. 10. Acervo da Hemeroteca Digital.

O jornal segue as edições seguintes não fazendo apenas críticas ao regime, mas também aos “bons costumes” que este pregava, ligados e representados por organizações como a Tradição, Família e Propriedade. Como coloca Vieira sobre a crítica,

A denominação parece ser uma alusão à euforia da graça e humor do jornal que, mesmo em meio à situação política que exigia extrema cautela, mantinha uma voz dissidente e de oposição como veículo da imprensa alternativa. Esta “crítica de costumes” é principalmente contra a classe média que apoiou a ditadura militar, defensora do que se passou a chamar “moral e bons costumes”, representada, sobretudo, pela organização de direita Tradição, Família e Propriedade, a TFP (Vieira, 2010, p. 132).

Na edição número 4, é possível ver a partir de uma ilustração com um homem e dois animais mortos intitulada *Millôr faz a autocrítica do Pasquim* a concepção política do jornal. Na manchete em questão, há a frase “Contra a extrema direita. Contra a extrema esquerda. E, sobretudo, contra o extremo centro.”



É possível ver, a partir do exposto, que o jornal não possuía um espectro político definido. Mas, como coloca Queiroz, nesse sentido, apesar de não haver um engajamento político partidário do jornal, os colaboradores compartilhavam de uma mesma escolha, a de criticar costumes e discursos moralistas, visto que a ideia central seria a de ser contra tudo que fosse cerceador, em referência à filosofia existencialista (Queiroz, 2008, p. 228).

Portanto, além das críticas do alternativo à Ditadura, também criticavam diversos ideais defendidos pelos militares, o que é possível ver em todas as edições do ano de 1969. A partir de críticas pautadas no humor, *O Pasquim* teceu críticas a diversos aspectos da sociedade e aos discursos dominantes.

Na edição de número 8, que não possui dia exato explicitado, apenas o mês de agosto, outra sátira política. Realizada pelo arquiteto e cartunista Claudius Ceccon, intitulada *O Lobo e o Cordeiro*, explicita um lobo bebendo água do alto do rio quando se incomoda com um cordeiro que bebe água do lado mais baixo. Sem lógica, o lobo se incomoda com o cordeiro que está “sujando” sua água.

O lobo, então, acusa o cordeiro de desacato e afirma que pode ser enquadrado, logo em seguida perguntando de seus documentos. O cordeiro apavorado, por sua vez, começa a procurar – segundo o autor – uma carteirinha que não fosse de estudante, jornalista, arquiteto ou religioso. Faz, dessa forma, menção aos militares enquanto lobos, o direito de ir e vir e as perseguições a determinados grupos, trazendo em paralelo parte da vida pessoal do cartunista.

Partindo da postura do alternativo, que se opunha a tudo que representasse a ditadura, farpas foram trocadas ao decorrer das edições, a exemplo figuras como Nelson Rodrigues, onde o periódico entrava em embates através do deboche.

Neste âmbito, na edição 9, que não possui dia, apenas o mês de agosto, uma crítica de Ziraldo através de um cartum a um proclamado inimigo do periódico, Gustavo Corção. “Gustavinho”, como fora chamado na sátira, foi um jornalista e escritor católico ultraconservador, apoiador da ditadura.

No cartum, é representado um homem segurando uma bíblia debaixo do braço. Acima, escrito, “É como dizia Gustavinho: Viva Deus!”. (Figura 4) Ao deixar em negrito



as letras “e” e “u”, Ziraldo deixa a ideia de que, na verdade, o homem está falando Viva eu. Referência clara a Corção, que ficou conhecido como apóstolo da linha dura. Desse modo, através do humor, o jornal faz uma crítica a figura ultraconservadora e religiosa que se apropria da fé para se autopromover e defender ideais individuais.

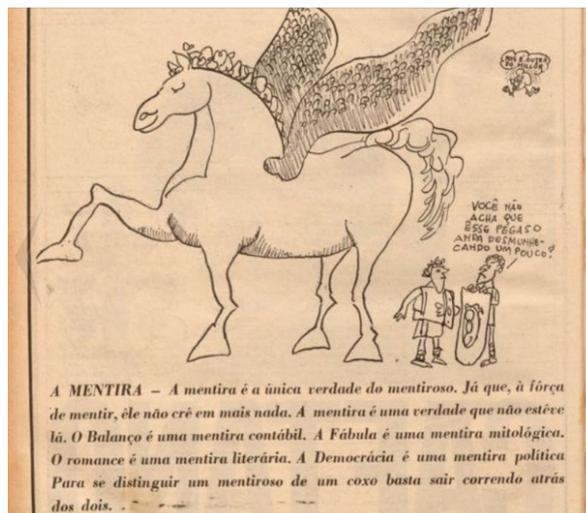
Figura 4



Fonte: Edição 9, 08/1969, p. 19. Acervo Hemeroteca Digital.

Na edição 17, do semanário de 16/10 a 22/10, Millôr Fernandes expõe sob o título Reflexões (Mas, como, Millôr, sem avisar nem nada?) um grande Pégaso centralizado na folha e, em tamanho menor, dois guerreiros gregos que se perguntam se a figura mitológica não anda “desmunhecando”. Abaixo dele, o texto reflete acerca da mentira, que é mencionada como uma verdade que não esteve lá. O breve texto segue com exemplos, onde a fábula é colocada como uma mentira mitológica, o romance como uma mentira literária e, por fim, a democracia como uma mentira política. (Figura 5)

Figura 5



Fonte: Edição 17, 16-22/10, p. 3. Acervo Hemeroteca Digital.

A partir disso, pode-se ver uma clara crítica ao regime militar. Como coloca Reis (2004, p. 39), os militares se apropriaram do ideal de democracia, cultivando a ideia do golpe como uma intervenção que tornasse possível salvá-la do perigo comunista ateu, da baderna e da corrupção, desse modo, uma “revolução”. Millôr termina com a provocação, “Para se distinguir um mentiroso de um coxo basta sair correndo atrás dele”.

Na mesma edição, na página seguinte, mais uma provocação, agora em relação a discursos. Sob o título “O falar vazio”, apontado como profissão do ano, há menção a locutores que não sabem o que leem, Ibrains que não conhecem o que informam, políticos que não pensam o que dizem e, por fim, propagandistas que não compram o que anunciam.

Ainda, em seguida, é apontado outro discurso vazio, o estratégico, que se trata de falar vazio enquanto se pensa em como sair da situação. Dessa forma, satirizando a manipulação de discursos e dos meios de comunicação, contextualizando o ambiente político e social da época e a repressão ditatorial. Por fim, a sátira encerra comparando os detentores deste discurso à papagaios, que apenas repetem. (Figura 6)

Figura 6



Fonte: Edição 17, 16-22/10, p. 4. Acervo Hemeroteca Digital

Ainda na edição de número 17, Claudius realiza outra crítica ao cenário ditatorial, agora em forma de quadrinhos, intitulada “O Progresso”. Nela, é retratada uma cidade que vivia feliz e medíocre, até que tudo muda quando um garoto pergunta a seu pai por que não tinham o chamado progresso e a preocupação logo se torna geral. O intitulado Dr. Sá Bichão, então, pontua que para conquistá-lo é necessário imitar países desenvolvidos e que o maior sinal de progresso são os índices de poluição atmosférica.

As pessoas, então, passam a manifestar a favor de poluição atmosférica. A partir da construção de enormes fábricas, que passaram a produzir febrilmente a poluição, a vegetação e os animais foram morrendo, até chegar nos homens, que morreram felizes por terem alcançado o “progresso”. O quadrinho se encerra com a moral: “Viva o Progresso! Ou: Nem só de índice sobrevive o homem”.

Desse modo, é possível perceber a crítica contextualizada do período do chamado milagre econômico, onde o Brasil viveu uma fase de crescimento entre os anos de 1968 e 1973. De acordo com Duarte (2015, p. 66), o modelo de desenvolvimento e a poluição atmosférica, neste período, tem uma relação intrínseca.

Todo esse contexto brasileiro foi embalado por um clima ufanista — com palavras de ordem como “Brasil país do futuro”, “pra frente Brasil”, “ninguém segura este país”, “Brasil, ame-o ou deixe-o” [...] Apesar de o Brasil adotar



uma atitude resistente às demandas internacionais por novas práticas em relação ao ambiente, a destruição natural era cada vez mais evidente e, por vezes, ganhou destaque em alguns órgãos de imprensa nacionais e em protestos de artistas, técnicos e membros da comunidade científica. Em várias cidades e nas áreas industriais, o aumento da poluição mudava a cor do céu, tornava as águas impróprias para uso da população, contaminava lençóis freáticos, manchava as roupas nos varais, cobria os telhados das casas de pó, exalava odores nauseantes, adoecia as crianças, impedia o crescimento das plantas nos quintais, matava animais domésticos e afugentava pássaros (Duarte, 2015, p. 66).

Na edição número 20, do dia 6/11 a 12/11, Claudius faz uma reflexão acerca da união e força. Intitulado “O leão e o ratinho”, é retratado um leão que come um ratinho mesmo este o alertando que um dia poderia ser útil. No dia seguinte, o leão cai em uma armadilha e percebe o erro de não ter ouvido o roedor, que poderia ajudá-lo a escapar.

Outro ratinho, então, coloca que Vossa Excelência (referindo-se ao leão) está nas mãos deles. O leão, por sua vez, no desespero, tenta apaziguar a situação pedindo para que lembrem do repúdio a qualquer tipo de violência e que a vida é muito importante, especialmente a dele – traduzido em um balão de pensamento.

O rato, porém, não dá ouvidos, exigindo em nome de todos os habitantes da floresta que o leão “se mande” por seu abuso de poder. Em nome dos ratos que se sacrificam pela ciência, paz e progresso, convocam eleições gerais, o que choca o leão pela possibilidade de todos votarem e pela hipótese de os carnívoros perderem democraticamente.

O leão, então, volta aos carnívoros para anunciar as eleições. Claudius, nesta parte, realiza uma sátira com o método carnívoro de ganhar voto, colocando que o leão “foi fazer sua conspiração, digo, campanha, junto aos carnívoros”, fazendo uma clara analogia ao golpe militar.

Para desespero do leão, um João de Barro é eleito e faz um pacto com abelhas africanas para garantir a paz contra qualquer conspirador. A moral da história, segundo o autor, é que a união desfaz a força. Desse modo, é possível relacionar os quadrinhos ao contexto ditatorial, onde o leão conspirador pode ser personificado na figura dos militares. Os leões, embora dominantes no contexto, foram derrubados pela força da união, que desfaz a força.



Na edição número 22, uma entrevista com uma personagem que marcou a história do periódico para sempre, Leila Diniz. A atriz é estampada na capa sob o título “Leila Diniz: &£7!”. (Figura 7) Ao ler a entrevista, é possível perceber que o título prenunciava os diversos palavrões falados por Leila, substituídos por asteriscos.

Figura 7



Fonte: Edição 22, 20-26/11, p. 1. Acervo Hemeroteca Digital

A famosa entrevista “é talvez um dos maiores exemplos da força política que o jornal exerceu através da crítica comportamental.” (Vieira, 2010, p. 135). Segundo a autora, a entrevista incomodou tanto os militares que após dois meses foi promulgada uma lei relativa à intolerância à moral e aos bons costumes, o qual ficou conhecido como Lei Leila Diniz.

Na mesma edição, Millôr realiza uma crítica totalmente escancarada. Sob o título “Vergéis Floridos e Rouxinois Azuis”, o autor traça de forma bem detalhada um passeio ao parque e tudo de mais lindo que há no mundo durante o trajeto. A redação romântica, porém, é interrompida pela crítica.

Millôr inicia a crítica lembrando o que disse no início do alternativo, de que se fosse independente não duraria mais de três meses, ou seja, dando a ideia de que os integrantes deveriam se comportar. Millôr expõe que seus colegas acreditam que ele não estava sendo suficientemente brando, “teimando em escrever com ligeiras agressões à igreja, ao governo vigente, aos poderosos constituídos e à linguagem adotada”. Por isso, segundo Millôr, ele resolveu abrandar e escrever a redação romântica que ele espera que todos achem lapidar e que esteja inserida no contexto. Termina alegando que se acharem



o título “Vergéis Floridos e Rouxinóis Canoros” muito forte, poderiam mudar para “Redação possível, na atual conjuntura”.

Desse modo, é possível analisar que os membros do jornal estavam passando problemas internos e relacionados a censura prévia. Millôr, no entanto, foi irreverente e além de expor a situação, criticou abertamente o contexto vigente.

Na edição de número 23, da semana do dia 27/11 a 02/12, há uma menção indireta de Caetano Veloso a uma figura de extrema relevância no cenário da luta contra a ditadura, Carlos Marighella. O proclamado inimigo público número um do regime foi assassinado em uma emboscada do DOPS pouco antes do semanário em questão, em 5 de novembro de 1969. O artista, exilado em Londres, como pontua no periódico, faz menção de forma indireta ao acontecido

Talvez alguns caras no Brasil tenham querido me aniquilar; talvez tudo tenha acontecido por acaso. Mas eu agora quero dizer aquêlê abraço a quem quer que tenha querido me aniquilar porque o conseguiu. Gilberto Gil e eu enviamos de Londres aquêlê abraço para esses caras. Não muito merecido porque agora sabemos que não era tão difícil assim nos aniquilar. Mas virão outros. Nós estamos mortos. Êle está mais vivo do que nós (Veloso, in *Pasquim*. 1969, p. 3).

Veloso, na edição em questão, discorre acerca da revista *Fatos e Fotos*, a qual além de estampar sua imagem e de Gil exilados na capa, anunciara a morte de Marighella com uma imagem de seu corpo morto sob o título “Marighella: A morte do terrorista” (Veloso, 2005, p. 418). O artista, ao escrever que “Ele está mais vivo do que nós”, refere-se ao guerrilheiro assassinado, que foi eternizado nas lutas que traçou.

Na mesma edição, Jaguar expõe duas sátiras, lado a lado. A primeira, dois homens acorrentados pelas mãos e pés, seguido da frase “Amanhã a gente vai rir de tudo isso”. Retratando, nesse sentido, dois presos políticos por órgãos de repressão do governo, e ainda sim a esperança dos tempos obscuros darem lugar ao riso, o que reflete também a intenção do alternativo com o uso do humor.

Ao lado direito, há uma sátira com o congresso, que foi fechado após o Ato Institucional número 5. Jaguar anuncia que o congresso continua aberto, e abaixo uma imagem de um café-bar chamado congresso. Dessa forma, brinca com a situação em forma de propaganda. (Figura 8)



Figura 8



Fonte: Edição 23, 27/11-02/12, p. 28. Acervo Hemeroteca Digital

Na edição 25, do dia 11/12 a 17/12, Ziraldo discorre em quadrinhos acerca do cenário internacional e nacional. É retratado de forma satírica eventos como recursos para isolar o câncer, onde um médico aponta para população pobre; um padre defendendo o direito de casar, onde um padre aponta uma arma para um casal que está na cama fora do casamento; uma nova arma nuclear que garante supremacia bélica aos EUA, onde é retratado um cemitério; Nixon querendo reatar com Mao Tsé Tung, de forma que a relação de ambos era antagônica no cenário da Guerra fria.

E por fim, em “os homens de ouro entram em ação”, é retratado homens do governo rindo de eventos como assassinatos do esquadrão da morte e gangue da caverna (esquadra paramilitar armada) e corpos sendo encontrados. Dessa forma, fazendo uma crítica ao contexto ditatorial, onde muitas pessoas foram torturadas e mortas por órgãos ligados aos militares.

Na última edição do ano de 1969, a de número 27 dos dias “25/12 a 32/12”, como aparece no cabeçalho, Ziraldo fecha com chave de ouro as críticas ao regime do primeiro ano do alternativo. Intitulada “Mensagem de Natal”, é retratado em quadrinhos a luta entre membros do governo e a guerrilha contrária à ditadura. A guerrilha inicia a história com a ideia de se intitulem Esquadrão da vida, aqui apresentando um antagonismo com o Esquadrão da morte.



Com muitos homens do governo correndo e dando tiros, Ziraldo apresenta a frase “Estamos zelando pela sua tranquilidade”, de forma irônica. No quadrinho debaixo, um dos membros se questiona se matar é crime. Para finalizar a história, responde a indagação, “Nós nunca damos o tiro primeiro”, onde Ziraldo estampa uma luta desigual entre vários homens do governo com diversas armas contra um homem se escondendo atrás de uma pequena construção, fazendo analogia a repressão do regime ao retratar uma luta desigual e totalmente ideológica.

Portanto, a partir da análise dos periódicos do ano de 1969, é possível compreender como o alternativo utilizou do humor para defender liberdades democráticas e individuais, além de burlar a censura através de críticas nas entrelinhas, sendo um importantíssimo veículo de resistência no cenário ditatorial. Como coloca Buzalaf acerca do humor,

O humor é próprio da sobrevivência humana: evidencia a negação dos problemas, do sofrimento e das situações contrárias. Se as manifestações cômicas ajudam o homem a lidar com a adversidade, o humor se torna vital em períodos de supressão de liberdades (Buzalaf, 2009, p. 109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo de analisar o humor utilizado pelo alternativo *O Pasquim* em resistência à ditadura militar no ano de 1969, foram analisadas 27 edições presentes no acervo digital da Hemeroteca Digital. Pode-se concluir que, a partir do humor escrito e gráfico, a chamada “patota”, como se definiam os seus membros, construíram a grandeza de um “nanico”.

Seria um erro definir *O Pasquim* em uma palavra, mas se assim tentasse, a palavra irreverente seria a mais próximo de sua significação à história. A partir de críticas diretas e indiretas ao regime e a tudo que o representasse, sobreviveu a períodos diferentes da ditadura e a diferentes censuras através da genialidade dos jornalistas que se fundamentaram no humor.

Um jornal que não possuía dono, apenas amigos que se divertiam e eram companheiros de luta. Foi revolucionário para o jornalismo e para a sociedade, atuando de forma política e social a partir de seu estilo “artesanal” despojado, denunciando os



crimes humanitários da ditadura e a hipocrisia do discurso dominante ligado à moral e aos bons costumes.

Defensores da liberdade de expressão e de liberdades individuais, o alternativo foi um símbolo de resistência. Sendo assim, foi de grande relevância para o enfraquecimento da ditadura militar, revelando em cada edição o caráter libertário do humor. Não apenas incitou o riso nos leitores, mas também provocações. O “nanico” chegou ao fim no ano de 1991, mas sua história e relevância são eternos. Paulo Gustavo tinha razão, rir é um ato de resistência. Fazer rir também.

FONTE

O PASQUIM, Rio de Janeiro. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>. Acesso em 7 jun. 2023. 1969.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo. In: MARTINS, A. L. LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2008.

BUZALAF, M. N. **A censura no pasquim (1969-1975):** As vozes não-silenciadas de uma geração. 220 p. Tese de doutorado (História) - UNESP, Assis, 2009.

DUARTE, R. H. “Turn to pollute”: poluição atmosférica e modelo de desenvolvimento no “milagre” brasileiro (1967-1973). **Revista Tempo**, Belo Horizonte, v. 21, n. 37, p. 65-87, 19 jun. 2015.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários: Nos Topos da Imprensa Alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

LAURENZA, A. M. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, A; LUCA, T. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.



MOURA JÚNIOR, E. L. Ditadura, Autoritarismo e Resistências: Análise sobre os anos de chumbo no Brasil 1964-1975. **Das Amazônias**, Acre. v. 2, n. 2. Jan/jul 2019.

NAPOLITANO, M. 1964: **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

PEREIRA, V. O pasquim: jornal de humor que desafiou a ditadura ganha exposição em SP ao completar 50 anos. 2019. Disponível em:

<https://www.hypeness.com.br/2019/12/o-pasquim-a-incrivel-historia-do-jornal-de-humor-que-desafiou-a-ditadura-e-ganha-exposicao-em-sp-ao-completar-50-anos/>.

Acesso em 05. Jun. 2023.

QUEIROZ, A. C. B. *O Pasquim*: Embates Entre a Cultura Política Autoritária e a Contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n.º 2, dezembro de 2008

REIS, D. A. Ditadura e Sociedade: as reconstruções da memória. IN: REIS, D. A. RIDENTI, M. e MOTTA, R. P. S. **O Golpe e a Ditadura: 40 anos depois (1964-2004)**. São Paulo, EDUSC, 2004.

SANTOS, V. C. Ditaduras Militares na América do Sul (1964-1985). *Semana Acadêmica*, v.1, 2016

SOUSA, V. R. O Pasquim e a ditadura militar: o humor que burla a censura. Fortaleza, 2013.

VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIEIRA, A. B. F. **Guerrilha de pincéis**: Humor gráfico no jornal *O Pasquim* como resistência política e cultural à ditadura militar. (1969-1970). Fortaleza, 2010.

220 volts. Paulo Gustavo: Globo Play, 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/220-volts/t/GYmZjyxRCb/?origemId=91698>. Acesso em: 4 nov. 2023.